



## Os segredos de Putumayo: a singular odisseia fílmica de Aurelio Michiles

## Los secretos del Putumayo: la particular odisea cinematográfica de Aurelio Michiles

## The secrets of Putumayo: a singular filmic odyssey by Aurelio Michiles

Luiza Lusvarghi<sup>1</sup>



Figura 1 – Luz Marina do povo Uitoto. Imagens: Divulgação.

### Resumo

Obra perturbadora do cineasta amazense Aurelio Michiles, *Os Segredos de Putumayo* transita entre o documentário e o ensaio para analisar a saga do humanista irlandês Roger Casement em sua denúncia contra a violência da indústria extrativista da borracha na Amazônia entre 1910 e 1911, mas é também uma crítica às visões colonialistas de

<sup>1</sup> Luiza Lusvarghi é professora e pesquisadora do PPGMM no Instituto das Artes da Unicamp, e editora da Zanzalá. E-mail: [luizacl@unicamp.br](mailto:luizacl@unicamp.br)

documentário cinematográfico que sempre estiveram presentes nas obras sobre os povos originários e sobre a Floresta amazônica.

**Palavras-chave:** Amazônia. Ciclo da borracha. Violência Social. Cultura Ameríndia.

### Resumen

Inquietante obra del cineasta amazónico Aurelio Michiles, *Los secretos del Putumayo* se mueve entre el documental y el ensayo para analizar la saga del humanista irlandés Roger Casement en su denuncia de la violencia de la industria extractiva del caucho en la Amazonia entre 1910 y 1911, pero también es una crítica a las visiones colonialistas del documental que siempre han estado presentes en las obras sobre los pueblos nativos y la selva amazónica.

**Palabras-clave.** Amazonia. Ciclo del caucho. Violencia social. Cultura amerindia

### Abstract

A disturbing work by Amazonian filmmaker Aurelio Michiles, *The Secrets of Putumayo* moves between documentary and essay to analyze the saga of Irish humanist Roger Casement in his denunciation of the violence of the rubber extraction industry in the Amazon between 1910 and 1911, but it is also a critique of the colonialist visions of documentary filmmaking that have always been present in works about native peoples and the Amazon rainforest.

**Keywords:** Amazonia. Rubber cycle. Social Violence. Amerindian culture.



Figura 2 – Crianças carregando fardos. Imagens: Divulgação.

Em 2020, foi lançado o documentário *Os Segredos de Putumayo*, de Aurelio Michiles, no festival *É tudo verdade*, em São Paulo. Denso, trágico e ao mesmo tempo extremamente sofisticado em sua edição, seu impacto sobre a audiência foi perturbador desconcertante e polêmico. O filme não teve o reconhecimento que merecia por parte do público, e como a maioria dos documentários que apostam no ensaio mais do que na versão dos fatos, passou despercebido, apesar das excelentes críticas.



Figura 3 – Stephen Rea por ocasião do lançamento no Brasil. Imagens: Divulgação.

O filme de Michiles se baseou nos relatos dos *Black Diaries* de Roger Casement, o irlandês nacionalista, gay, que de volta à terra natal, foi julgado por pedofilia, traição ao Reino Unido (era irlandês nacionalista e a favor da ruptura da Irlanda com o Império Britânico), e morreu enforcado em 3 de agosto de 1916, mas cuja memória vem sendo resgatada a cada dia mais pelo seu país, e por diversas obras no mundo, ficcionais e não ficcionais. Uma dessas obras é *O Sonho do Celta* (2010), de Mario Vargas Llosa.

Os relatos incômodos de Casement davam conta do horror perpetrado contra os nativos aliados pelo empreendimento desenvolvido pela *Peruvian Amazon Company*, destinado à extração da borracha, e que utilizou as comunidades indígenas locais como mão-de-obra escrava, e que uniu as três fronteiras da Amazônia – Brasil, Colômbia e Peru. A sede da empresa era localizada na bacia do rio Putumayo. A narração do filme de Michiles coube a Stephen Rea, ator irlandês que se tornou famoso mundialmente por sua indicação ao Oscar, ao interpretar um combatente do IRA (Exército Republicano Irlandês) em *Traídos pelo Desejo* (*The Crying Game*, (1992), de Neil Jordan, mas também por suas posições políticas, em favor da autonomia da Irlanda, e por ser o companheiro da ex-ativista do Ira, Dolours Price.

A obra de Michiles, entretanto, passa longe de ser apenas mais uma manifestação da identificação do cineasta com a Amazônia, presente em toda a sua trajetória, ou mesmo a simples transcrição dos diários de Casement, **ou ainda um tributo aos** descendentes que sobreviveram ao horror, e que surgem em alguns, poucos, depoimentos no filme. Michiles refaz todo um percurso da constituição do documentário cinematográfico de cunho etnográfico logo nas primeiras imagens, utilizando na abertura fragmentos do longa-metragem *Voyage au Congo* (*Viagem ao Congo*, 1927), filme de estreia de Marc Allégret, realizado a partir de 1925 ao longo da viagem do cineasta francês,

---

ao lado de seu companheiro, o escritor francês André Gide, pelas colônias da África Equatorial Francesa e do Congo Belga. Assim, somos introduzidos ao imaginário da captação dos ditos povos “bárbaros” para um público branco e cristão, que busca denunciar as mazelas dessa dominação colonial sobre os povos originários, que foram continuamente massacrados pelo Velho Mundo, e de diferentes formas, ao longo da história. E faz-se desta forma a associação de Putumayo aos demais projetos de dominação extrativistas, seculares, de dominação das elites coloniais europeias sobre o continente africano, e igualmente sobre os povos originários da América. O horror e a violência são estruturais, integram o mesmo sistema de exploração, mas o trunfo de Michiles é que essa constatação se dá antes pelas imagens, confirmadas pelos escritos e depoimentos.

Imagens de tortura são reveladas pelas cicatrizes e pelas marcas nos corpos expostos em imagens fotográficas, antigas, que contribuem para um distanciamento do espectador, mas também trazem sentimentos confusos, de angústia. Serão verdadeiras? Imagens do Congo, captadas por missionários ingleses estão na abertura. A elas vão se sobrepor as imagens captadas pelo próprio Casement, que foram anexadas ao seu relatório. Crianças, mulheres, homens, foram captados de maneira natural, mas estetizada, pois, seu autor buscava enfatizar a beleza dos corpos dos povos originários e de seu habitat, o que realçava de forma cruel o tratamento selvagem a que eram submetidos, as marcas da brutalidade de seus opressores em seus corpos frágeis.

Os planos se sucedem, e a narrativa agrega ainda contribuições do historiador e professor Angus Mitchell sobre a existência, nas lendas irlandesas mais antigas, da Ilha Brasil, ou Ilha do Brazil; Ilha de São Brandão. Brasil de São Brandão ou Hy Brazil seria uma ilha fantasma do Oceano Atlântico ligada à tradição de São Brandão das terras afortunadas, localizadas a oeste do continente europeu. Todos esses vocábulos, braezil, brazil, remetem na língua celta à cor vermelha, brasa, e a ilha consta de mapas antigos. Ao adentrar o Brasil, Casement encontrou na sua ilha de fantasia o inferno. O filme traz ainda fotos de Belém, associando o ciclo da borracha e o extrativismo aos horrores do projeto, entremeado por trechos de *No País das Amazonas* (1922), de Silvino Santo.

No ápice do ciclo da borracha, Casement então cônsul-geral britânico no Brasil, fez duas viagens à região do alto Amazonas, em 1910 e 1911, para investigar denúncias de violência e escravidão cometidas contra indígenas brasileiros, peruanos e colombianos. As suspeitas recaíam sobre a Peruvian Amazon Company, empresa financiada pela bolsa de Londres e operada por gestores peruanos. Casement registrou e tornou públicas as atrocidades sofridas pelos nativos, quase sempre silenciadas pelos interesses políticos e econômicos, contribuindo, sem dúvida, para a decadência do mercado de extração de borracha. Além do documentário de Michiles, foi lançada ainda a tradução de *Black Diaries* no Brasil, o *Diário da Amazônia de Roger Casement*, considerado como obra de resgate e apoio à preservação da cultura ameríndia. Lançado em 2023, foi organizado



por Laura Izarra e Mariana Bolfarine, numa edição coordenada por Mitchell.



Figura 5 – Aurelio Michiles em filmagens. Imagens: Divulgação.

A exploração do tema pelo cineasta, entretanto, prescinde de certa forma da história escrita, da qual se apropria para abordar o mundo fantástico da selva amazônica em imagens e o infortúnio dos povos originários diante da cobiça dos empresários. Algumas cenas são ainda assombradas pelo cineasta luso-brasileiro Silvino Santos, cuja vida e obra Michiles abordou em *O cineasta da selva* (1997). Santos, contratado pela empresa peruana, vai retratar os funcionários locais sob a perspectiva ufanista e subserviente dos proprietários, retirando das imagens todo e qualquer vestígio de maus tratos e violência histórica, o que resultou no documentário *No País das Amazonas* (1922). A jornada do realizador, que refaz a trajetória de Casement, e suas referências, é também a de um restaurador da verdade do cinema a partir das imagens, e é talvez o mais perturbador e extraordinário trabalho do cineasta.

O filme, de certa forma, representa um marco na trajetória do cineasta, que dedicou toda a sua obra à Amazônia, alternando ficção e não ficção, de forma sempre eminentemente autoral e genuinamente afetiva, como um autêntico cineasta da selva. Desta forma não causa espanto o surgimento do escritor Milton Hatoum em cena, outro intelectual e artista que dedicou sua obra a narrar e fabular o imaginário amazônica.



Figura 6 – Aurelio Michiles e Milston Hatoum repassam o roteiro. Imagens: Divulgação.

## Referências

IZARRA, Laura P. Z. (Editor), BOLFARINE, Mariana Bolfarine (Editor), MITCHELL, Angus (Editor), AZEVEDO, Mail Marques de (Tradutor), VIANA, Maria Rita Drumond. **Diário da Amazônia de Roger Casement**. São Paulo: Edusp, 2023.

CASEMENT, Roger. *The Casement Report; from His Majesty's Consul at Boma Respecting the Administration of the Independent State of the Congo [and Further Correspondence]*. Londres: Alpha Edition, 2021.

LLOSA, Mario Vargas Llosa. **O sonho do Celta**. São Paulo: Editora Alfaguara, 2011.

## Filmografia

**NO PAÍS DAS AMAZONAS** (1922). Direção e Roteiro: Silvino Santos. Documentário, 1h12. PB. Brasil.

**O CINEASTA DA SELVA** (1997). Direção: Aurélio Michiles. Roteiro: Aurélio Michiles, Julio Rodrigues. Com Rozi Campos, José de Abreu. Drama biográfico. 1h27, Cor. Brasil.

**OS SEGREDOS DE PUTUMAYO** (2020). Direção: Aurélio Michiles. Roteiro: André Finotti, Danilo Gullane, Aurélio Michiles. Com Stephen Rea. Documentário, 1h23, PB. Brasil.

**VOYAGE AU CONGO** (1927). Direção de Marc Allégret. Roteiro de Marc Allégret e André Gide. Documentário, 1h37, PB. França.